

COMUNICAÇÃO INFAMILIAR

Alex Galeno¹
Fagner França²
Jadson Maia³
Lucas Fortunato⁴

DOI:10.31501/esf.v3i31.15428

“Vivemos em um tempo fora dos gonzos ou dos eixos”; tal assertiva shakespeariana, retomada por Marx e Engels em “O Manifesto Comunista” de 1848 e entendida como um espectro (comunismo), segundo interpretação de Jacques Derrida, têm sido a tônica civilizatória radical na atualidade. Não se trata simplesmente de mudanças na esfera produtiva ou nas formas de organização da economia capitalista, conforme apontavam. Agora, viver sem o senso de direção e com a sensação difusa de mal-estares constituem a tônica do presente. Nesse sentido, a garantia sólida da utopia prometida pela modernidade se esvaiu e adentramos numa era do monstruoso. Ou, nas palavras de Peter Sloterdijk (2000, p. 12): “A monstruosidade criada pela invenção do homem nos tempos modernos apresenta três visões, três campos fenomenais: como campo do espaço criado pelo homem, como o monstruoso do tempo criado pelo homem e como o monstruoso da coisa criada pelo homem.” Assumir o estranhamento

¹ Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. alexgalenno@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0001-5103-0339>

² Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. fagnertf@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-2170-4288>

³ Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. jadsonmaia@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>

⁴ Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. lucasfortitude@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5408-513X>

Dossiê Comunicação infamiliar

desta época é o que há de novo na condição humana. Unheimlich, eis a verdadeira indicação tópica da cultura. O Infamiliar como modo paradoxal de existência. Numa mesma palavra, encontramos o próximo e o distante, o mesmo e o outro, aquilo que acolhe e repele. Um familiar estranhamento outro. Como numa heterotopia, habitantes de lugares estranhamente outros. E foi nessa direção que Sigmund Freud diagnosticou as condições da cultura. A condição inquietante e de imperfeição, eis a forma precípua da arte e da vida. Como uma aisthesis que não se reduz a uma noção encantadora e bela da arte. Freud nos convida para o entendimento do monstruoso na estética. Por isso, sua menção ao conto O Homem da Areia de E. T. A. Hoffmann expressa o mistério imaginário no ato de jogar areia nos olhos das crianças como aquilo que nos aliena e nos protege das agruras e medos, mas também como aquilo que nos leva a fechar os olhos para escutar o silêncio e imaginar o que há de belo e de sonho na arte e na vida. Como todo sonho, vida e arte são deformações ou imperfeições resultantes de uma condição infamiliar do ser. Ora, não poderia ser diferente nos acontecimentos comunicacionais. A combinação de ruído e ordem ou a fusão a partir de *order from noise* é aquilo que há de disforme, inquietante, improvável e infamiliar na comunicação humana. Como defende Ciro Marcondes Filho, a comunicação é aquilo que funda o novo. E, por isso, sempre da ordem da indeterminação e daquilo que nos atravessa e nos afeta. Como Freud ao se referir à estética e ao infamiliar da arte, para ele a comunicação comporta o pneuma do acontecimento produzido por corpos simultaneamente próximos e distantes ou propriamente corpos infamiliars. Assim, é partir das premissas acima que foi pensado e organizado este dossiê de Esferas. Além disso, apresenta suas diversas ressonâncias na cena política, social e literária.

A entrevista de Danielle Naves de Oliveira articula os sentidos que advém da palavra Unheimlich para iluminar os fenômenos comunicacionais e civilizatórios.

O artigo “O infamiliar freudiano e suas reverberações políticas na extrema direita”, de Prado e colaboradores, analisa as dinâmicas da direita alternativa (alt-right) ou ultradireita, especialmente aquelas que são favorecidas pelos ambientes digitais. A análise realiza uma sistematização das diferentes estratégias, como a construção de uma familiaridade identitária, a desfamiliarização do sistema institucional e político democrático, o discurso marcado pela contradição e esvaziamento dos termos, a utilização do meme como regime não só imitativo, mas também inventivo, entre outros aspectos. Portanto, a reflexão inscreve o conceito, cunhado em 1919, no contemporâneo. Não obstante, articula o infamiliar a partir de argumentações de autores atuais, como Žižek e Butler, mas também incorpora filósofos relevantes para entender a incorporação da estética no campo da política, como Deleuze e Guattari.

O artigo “O rebaixamento estético como expressão da Gaucherie em Dalton Trevisan”, de Aleixo, discute, a partir dos apontamentos de Roland Barthes, o procedimento “gaucherie”, que utiliza estratégias de escrita que visam estabelecer um efeito estético que, à primeira vista, parece modesto ou “rebaixado”. O foco da análise é um conto do escritor brasileiro, no qual são desveladas as técnicas que o autor utiliza para compor um cenário marcado por estranhamento e provocação diante da leitura convencional da literatura.

“O Infamiliar nas geocartografias dos diários de Rahel Varnhagen e Maria Graham”, artigo de Monteiro Campos e colaboradores, aborda a presença do “infamiliar” nos registros pessoais

Dossiê Comunicação infamiliar

dessas duas figuras femininas do Romantismo. Ele evidencia como, mesmo sem amplo espaço na esfera pública, a voz feminina se afirmou nas linhas, nas quais se entrevê as subjetividades e as impressões sobre o contexto histórico, de acordo com o que lhes é familiar ou estranho.

O texto “Unheimlich, por dentro”, de Kamper, traduzido por Danielle Naves de Oliveira, examina os deslocamentos continuados e características da noção. A abordagem filosófica convida a conhecer o conceito a partir de “de dentro”, isto é, com uma perspectiva simultaneamente etimológica e analítica. A discussão elabora sobre as concepções do estranho em pensadores como Giambattista Vico, Günther Anders, Francisco de Goya e Freud.

Referência

Sloterdijk, P. (2000). *L'heure du crime et le temps de l'œuvre d'art*. Calmann-Lévy.